

LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO, Maio/2009 – Vol. IV

A ORIGEM DO UNIVERSO EM OVÍDIO

Raquel FAUSTINO

(Orientadora): Profa. Dra. Patricia Prata

RESUMO: Na obra os *Fastos*, o poeta Ovídio se serve da mitologia greco-romana a fim de explicar a origem de algumas celebrações presentes no calendário romano. O poeta faz referências aos mitos da época em quase todas as suas obras, dentre as quais se destaca as *Metamorfoses*, ao apresentar diversos mitos, todos a respeito de mutações de seres em elementos da natureza. O artigo se propõe a apresentar e a comentar brevemente o mito da origem do universo como é contado por Ovídio nas duas obras acima citadas e em um breve trecho na obra *Arte de Amar*, também de autoria do poeta.

Palavras-Chave: Letras Clássicas, Latim, Ovídio, Caos, Cosmogonia.

Introdução

O presente artigo resulta do trabalho que vem sendo desenvolvido nas disciplinas de Investigação Científica, sob orientação da professora doutora Patricia Prata. Tal trabalho consiste na tradução do primeiro livro dos *Fastos*, do poeta Ovídio, e em uma comparação entre os mitos presentes nessa obra e os mesmos mitos relatados principalmente nas *Metamorfoses* e, sempre que possível, em outras obras do mesmo poeta.

Neste artigo serão apresentados os trechos das obras nas quais o poeta escreve a respeito da origem do universo e, no final, será feita uma breve comparação entre esses trechos, sem fazer uma análise lingüística minuciosa, uma vez que a pesquisa se encontra em andamento.

Como nossa tradução ainda não foi finalizada, optamos por utilizar as traduções feitas, a partir do latim, pelo o escritor português Antônio Feliciano de Castilho (1800-1875), que traduziu as três obras a serem citadas neste artigo.

O poeta e as obras

Em muitos manuais de literatura latina, encontramos informações a respeito da vida de Ovídio e muitas dessas informações são relatadas pelo próprio poeta na elegia 10 do livro IV dos *Tristes*. Embora não possamos

afirmar que a autobiografia do poeta apresentada em sua elegia seja verdadeira,¹ sabemos que as palavras do próprio poeta sobre sua vida é uma das fontes utilizadas pelos manuais de literatura para contar sua história de vida.

Assim, sabemos que *Publius Ovidius Naso* nasceu em Sulmona, na Itália, cidade hoje conhecida como Abruzzo, em 20 de Março de 43 a.C. O poeta nasceu de uma família que fazia parte da aristocracia imperial romana, pois pertencia à ordem dos eqüestres (*ordo equester*).

Vindo de uma família abastada, o poeta freqüentou excelentes escolas de retórica em Roma, onde chegou a iniciar uma carreira política. Mas Ovídio, em sua elegia IV, 10, diz que preferia a arte à retórica, mas, ainda assim, iniciou uma carreira política, à qual logo renunciou; e, de acordo com os manuais de literatura, foi quando se juntou ao círculo literário de *Messalla Corvinus*, onde entrou em contato com grandes nomes da literatura da época. O jovem poeta obteve grande êxito logo com suas primeiras obras, tornando-se muito popular.

No ano 8 d.C. o poeta foi relegado de Roma para a cidade de Tomos no Mar Negro, atual Constança, na Romênia. A causa de seu desterro não é conhecida, embora muitos estudiosos procurem elencar diversas hipóteses para o ocorrido; no entanto, o poeta nos dá a entender que seu afastamento de Roma se deu devido ao conteúdo obsceno de sua *Arte de Amar*.

O poeta morreu muito provavelmente no ano 17 ou 18 d.C. na cidade de seu desterro.

Não se sabe ao certo em que ano o poeta Ovídio escreveu os *Fastos*, mas acredita-se que tenha sido por volta do ano 8 d.C., mesma época da composição de outra obra do poeta, as *Metamorfoses*. Essas duas obras, mais a tragédia *Medéia*, obra da qual só temos conhecimento de dois versos,² são citadas por Ovídio, em sua elegia, como suas três maiores obras (vv. 547-549, 553-556):

*Ne tamen omne meum credas opus esse remissum,
Saepe dedi nostrae grandia uela rati
Sex ego Fastorum scripsi totidemque libellos,
[...]
Et dedimus tragicis scriptum regale cothurnis
Quaeque grauis debet uerba cothurnus habet
Dictaque sunt nobis, quamuis manus ultima coepti
Defuit, in facies corpora uersa nouas*

¹ A veracidade dos dados apresentados pelo próprio poeta a respeito de sua vida é questionável, pois, além dos séculos que nos distanciam da época em que viveu Ovídio, não conseguimos determinar o limite entre o autor e sua *persona* poética.

² A saber: *seruare potui. perdere an possim rogas?/feror huc illuc ut plena deo.* (Por se tratar de trechos descontextualizados, optamos por não propor uma tradução).

Não creias, contudo, ser toda minha obra leviana,
Amiúde dei a minha nau grandes velas.
Seis mais seis livros dos **Fastos** escrevi,
[...]
Também um régio escrito legamos aos **coturnos trágicos**,³
E a linguagem que lhe cabe possui a grave tragédia.
Cantei, ainda, embora faltasse ao intento uma última demão,
Os corpos metamorfoseados em novas figuras.
(Tradução de Patricia Prata, 2007; **grifo meu**)

Os *Fastos* são formados por seis livros, cada um deles dedicado a um mês do calendário romano (janeiro, fevereiro, março, abril, maio e junho). Completa, a obra teria os doze livros necessários para honrar todos os meses do calendário, mas temos conhecimento apenas dos seis primeiros livros.

O poeta apresenta os dias do calendário romano fornecendo informações a respeito dos mitos que originaram algumas comemorações romanas e os costumes da época para a celebração das festas religiosas. A obra os *Fastos* também se destaca pelas informações astronômicas e etimológicas que o poeta incorpora a ela. Hoje, tal obra é uma importante referência para estudarmos a religião e os costumes dos romanos.

A presença de diversos mitos ao longo dos *Fastos* nos lembra outra obra do mesmo autor: as *Metamorfoses*. Composta por quinze livros, tal obra relata, através da mitologia greco-romana, as mutações que teriam dado origem a diversos elementos do nosso mundo, desde árvores a animais.

O poeta também escreveu *Arte de Amar*, poema-didático no qual explica os comportamentos aceitáveis para os romanos da época no que diz respeito aos relacionamentos amorosos. Algumas referências a mitos são feitas ao longo dos três livros que compõem a obra como, por exemplo, a referência feita à cosmogonia da qual trataremos a seguir.

A origem do Universo

No início do primeiro livro dos *Fastos*, Ovídio, após fazer algumas considerações a respeito do calendário romano, relata seu encontro com o deus Jano, no qual o poeta tem a chance de questionar a divindade sobre o motivo que o leva a ter duas cabeças. Para responder ao poeta, Jano explica sua origem, que se deu junto à origem do universo (livro I, vv. 93-124):

³ De acordo com Prata (2007): “os ‘coturnos’ eram os sapatos usados pelos atores da encenação da tragédia” (nota 186, p. 127).

*haec ego cum sumptis agitare mente tabellis,
 lucidior visa est quam fuit ante domus.
 tum sacer ancipiti mirandus imagine Ianus
 bina repens oculis obtulit ora meis
 extimui sensique metu riguisse capillos,
 et gelidum subito frigore pectus erat.
 ille tenens baculum dextra clavemque sinistra
 edidit hos nobis ore priore sonos:
 'disce metu posito, vates operose dierum,
 quod petis, et voces percipe mente meas.
 me Chaos antiqui (nam sum res prisca) vocabant:
 aspice quam longi temporis acta canam.
 lucidus hic aer et quae tria corpora restant,
 ignis, aquae, tellus, unus acervus erat.
 ut semel haec rerum secessit lite suarum
 inque novas abiit massa soluta domos,
 flamma petit altum, propior locus aera cepit,
 sederunt medio terra fretumque solo.
 tunc ego, qui fueram globus et sine imagine moles,
 in faciem redii dignaque membra deo.
 nunc quoque, confusae quondam nota parva figurae,
 ante quod est in me postque videtur idem.
 accipe quaesitae quae causa sit altera formae,
 hanc simul ut noris officiumque meum.
 quicquid ubique vides, caelum, mare, nubila, terras,
 omnia sunt nostra clausa patentque manu
 me penes est unum vasti custodia mundi,
 et ius vertendi cardinis omne meum est.
 cum libuit Pacem placidis emittere tectis,
 libera perpetuas ambulat illa vias:
 sanguine letifero totus miscebitur orbis,
 ni teneant rigidae condita Bella serae.*

Como entre mim d'est'arte eu meditava,
 de estilo em punho, co'as tabellas promptas,
 sem me ousar decidir, eis, per si mesma,
 se me clarêa a subitas a estancia!,
 e me aparece Jano! o proprio! o nume
 dos rostos dois, da duplicada vista!
 bago na destra, na sinistra, chave!
 Eu pasmo! eu tremo! eu gelo! eu me arripio!...
 Foge-me a côr e a voz!... - "Despede o susto,
 laborioso cantor dos lacios dias -
 em tom benigno exclama - "a luz que imploras,
 quis eu próprio trazer-t'a: origens sondas,
 mostrar-te origens venho. Entre os antigos
 (que eu sou coisa antiquíssima) fui cahos;
 (vê de quão longe te deduzo a historia)
 este ar lucido, a terra, o fogo, as aguas,
 foram congerie vasta; a massa informe
 fermentou pouco a pouco; os elementos,
 obrigados da mutua antipathia,
 se desgremam, se apartam, se collocam
 cada qual em seu posto: o leve fogo,
 na região mais alta; o ar, sob elle;
 no meio do universo, a terra, os mares.
 Foi então que eu de mole informa e rude
 assumi como deus figura e faces;
 sim: faces; ¿ não m'as vês? ¿ não vês no ambiguo
 do meu reverso e anverso inda lembranças
 do meu antigo ser desordenado?
 Outra razão de serem dois meus rostos
 me vais agora ouvir, que juntamente
 explica o mister meu; tudo que avistas,
 ceo, nuvens, terra, mar, tudo se fecha,
 se abre, por minha mão; sou do universo
 o guardador supremo, o que o revolve
 em continuado giro. A paz ridente
 sai do meu templo, porque eu mando; e livre
 vai folgar, vai florir por toda a parte.
 Se eu descerrasse os meus portões ás guerras,
 todo esse globo se affogará em sangue.

Nas *Metamorfoses*, logo após informar ao leitor o tema de sua obra, o poeta parte do mito da origem do universo antes de discorrer sobre a origem de qualquer outro elemento da natureza (livro I, vv. 1-88):

*In nova fert animus mutatas dicere formas
corpora; di, coeptis (nam vos mutastis et illas)
adspirate meis primaque ab origine mundi
ad mea perpetuum deducite tempora carmen!*

*Ante mare et terras et quod tegit omnia
caelum
unus erat toto naturae vultus in orbe,
quem dixere chaos: rudis indigestaque moles
nec quicquam nisi pondus iners congestaque eodem
non bene iunctarum discordia semina rerum.
nullus adhuc mundo praebebat lumina
Titan,
nec nova crescendo reparabat cornua Phoebae,
nec circumfuso pendebat in aere tellus
ponderibus librata suis, nec brachia longo
margine terrarum porrexerat Amphitrite;
utque erat et tellus illic et pontus et aer,
sic erat instabilis tellus, innabilis unda,
lucis egens aer; nulli sua forma manebat,
obstabatque aliis aliud, quia corpore in uno
frigida pugnant calidis, umentia siccis,
mollia cum duris, sine pondere, habentia
pondus.*

*Hanc deus et melior litem natura diremit.
nam caelo terras et terris abscidit undas
et liquidum spisso secrevit ab aere caelum.
quae postquam evolvit caecoque exemit acervo,
dissociata locis concordiae pace ligavit:
igneae convexi vis et sine pondere caeli
emicuit summaque locum sibi fecit in arce;
proximus est aer illi levitate locoque;
densior his tellus elementaque grandia traxit
et pressa est gravitate sua; circumfluus
umor
ultima possedit solidumque coarctavit orbem.*

*Sic ubi dispositam quisquis fuit ille deorum
congeriem secuit sectamque in membra coegit,
principio terram, ne non aequalis ab omni
parte foret, magni speciem glomeravit in
orbis.*

*tum freta diffundi rapidisque tumescere ventis
iussit et ambitae circumdare litora terrae;
addidit et fontes et stagna immensa lacusque
fluminaque obliquis cinxit declivia ripis,
quae, diversa locis, partim sorbentur ab
ipsa*

Fórça-me E'stro a cantar mudadas fórmas
Em novos corpos. Numes, que as mudastes,
Na Emprêsa me ajudai. Trazei meu Canto
Desde a origem do Mundo aos nossos tempos.
Antes do mar, da Terra, e Ceo, que os cobre
Hum só aspecto a Natureza tinha.
Este era Cháos; massa indigesta, rude,
Só pêso inerte, e em confusão discorde
Sementes mil de mil contrárias cousas.
Inda a hum O'rbe hum Sol não dava o dia:
Nem Luz incerta variava as noutes.
Não pendias, ó Terra, d'entre os ares
Na gravidade tua equilibrada:
Nem por extensas margens Amphitrite
Os espumosos braços dilatava.
Ar e pélago e Terra estavam mixtos;
As aguas são pois impermeáveis,
Os Ares negros, movediça a Terra;
Nada em seu próprio sêr permanecia:
Isto áquillo se oppunha; que n'hum todo
Pugnavao frio e quente, húmido e secco,
Mole e duro, o que he leve e o que he pesado.
Hum Deos, outra mais alta Natureza,
A' contínua discórdia enfim pôe termo.
A Terra extrahe dos Ceos, o Mar da Terra;
E ao Ar fluido, e raro abstrahe o espesso.
Tanto que a Mão Divina escolhe, arranca
Deste horror, deste acervo os Elementos;
Bem que os desparta por diversos postos,
Faz, que eterna harmonia a todos ligue.
Subito ao cume do convexo espaço
O Fogo se remonta ardente, e leve:
Na levidade, no lugar lhe fica
Proximo logo o Ar; mais densa que ambos
A Terra puxa os elementos graves;
E do seu proprio pêso he comprimida.
O salitroso humor circumfluente
A possui, a rodêa, a lambe, e aperta.
Assim depois que o Deos, qualquer que fosse,
O grão corpo dispoz, quiz dividil-o;
E membros lhe ordenou. Para que a Terra
Não fosse desigual em parte alguma,
Por todas a compoz na fórma de órbe,
Ao Mar então mandou, que se esparzisse,
Que ao sôpro inchasse dos forçosos Ventos,
E orgulhoso abrangesse as louras prayas.

*in mare perveniunt partim campoque recepta
 liberioris aquae pro ripis litora pulsant.
 iussit et extendi campos, subsidere valles,
 fronde tegi silvas, lapidosos surgere montes,
 utque duae dextra caelum totidemque
 sinistra
 parte secant zonae, quinta est ardentior illis,
 sic onus inclusum numero distinxit eodem
 cura dei, totidemque plagae tellure premuntur.
 quarum quae media est, non est habitabilis
 aestu;
 nix tegit alta duas; totidem inter utramque
 locavit
 temperiemque dedit mixta cum frigore flamma.
 Imminet his aer, qui, quanto est pondere terrae
 pondus aquae levius, tanto est onerosior igni.
 illic et nebulas, illic consistere nubes
 iussit et humanas motura tonitrua mentes
 et cum fulminibus facientes fulgura ventos.*

*His quoque non passim mundi fabricator
 habendum
 aera permisit; vix nunc obsistitur illis,
 cum sua quisque regat diverso flamina tractu,
 quin lanient mundum; tanta est discórdia
 fratrum.*

Eurus ad Auroram Nabataeaeque regna recessit
 Persidaeque et radiis iuga subdita matutinis;
 vesper et occiduo quae litora sole tepescunt,
 proxima sunt Zephyro; Scythiam septemque
 triones
 horriferae invasit Boreas; contraria tellus
 nubibus adsiduis pluviaque madescit ab Austro.
 haec super inposuit liquidum et gravitate
 carentem
 aethera nec quicquam terrena faecis habentem.

Vix ita limitibus dissaepserat omnia certis,
 cum, quae pressa diu fuerant caligine caeca,
 sidera coeperunt toto effervescente caelo;
 neu regio foret ulla suis animalibus orba,
 astra tenent caeleste solum formaeque deorum,
 cesserunt nitidis habitandae piscibus undae,
 terra feras cepit, volucres agitabilis aer.

Sanctius his animal mentisque capacius altae
 deerat adhuc et quod dominari in cetera posset:
 natus homo est, sive hunc divino semine fecit
 ille opifex rerum, mundi melioris origo,

Á móle orbicular deo fontes, lagos;
 Rios deo a fugir por margens curvas:
 Rios, que a mesma terra em parte absorve
 No vário, longo transito; que em parte
 Rompem ao mar, e soltos lá no espaço
 De aguas mais livres, e extensão mais ampla,
 Em vez das margens, assaltêam prayas.
 O Universal Factor também disséra:
 "Descei, é Valles, estendei-vos, Campos,
 Surgí, Montanhas, enramai-vos, Selvas."
 Como o Ceo repartido á dextra parte
 Tem duas zónas, á sinistra duas,
 E huma no centro, mais fogosa que ellas;
 Assim do Deos o pródigo cuidado
 Poz iguaes divisões no téreo glóbo;
 Tantas como as dos Ceos o cingem plagas:
 Aquella, que das mais está no meio,
 Em calores inhóspitos se abrasa,
 Alta neve enregéla, e cobre duas;
 Outras duas, porêem, que em meio d'estas
 O Nume situou, são moderadas,
 Mixto o frio e o calor. Fica iminente
 Ás zonas o Ar; que em pêso ao fogo excede,
 Quanto em leveza o mar excede á terra.
 Deos ordenou, que as Névoas, e que as Nuvens
 Errassem no inconstante aéreo seio;
 Que os Ventos o habitassem, productores
 D'arrepiaados, importunos frios,
 E os Raios, os Trovões, que o mundo aterrão.
 Mas o Supremo Autor não deo nos areas
 Arbitrario poder aos duros Ventos.
 E inda assim, dominando oppostos climas,
 Mal póde o mundo contrastar-lhe as furias;
 Tal ferve entre os Irmãos a desavença!
 Euro foi sibilar ao Ceo da Aurora,
 Aos Reinos Nabathêos, á Pérsia, aos cumes,
 Que o raio da manhã primeiro alcança.
 O Véspero, essas plagas, que se amórñão
 Com o Phebo occidental, estão visinhas
 Ao Zéphyro amoroso. O féro Bóreas
 Da Scythia féra, e dos Triões se apossa.
 As Regiões oppostas humedéce
 Austro chuvoso com assíduas nuvens.
 O Nume sobrepoz aos Elementos
 O líquido, e sem pêso, Éther brilhante,
 Que nada envolve das terrenas fézes.

*sive recens tellus seductaque nuper ab alto
aethere cognati retinebat semina caeli.
quam satus Iapeto, mixtam pluvialibus undis,
finxit in effigiem moderantum cuncta deorum,
pronaque cum spectent animalia cetera terram,
os homini sublime dedit caelumque videre
iussit et erectos ad sidera tollere vultus:
sic, modo quae fuerat rudis et sine imagine, tellus
induit ignotas hominum conversa figuras.*

Logo que tudo com limites certos
Foi feita pela Eterna Dextra assinalado,
As Estrellas que oppressas, que abafadas
Houve em si longamente a massa escura,
A arder por todo o Ceo principiárão.
E porque não ficasse no Universo
Alguma região deshabitada,
Astros, e Deoses tem o ethéreo assento:
O Mar aos peixes nítidos he dado,
Aves ao Ar, quadrupedes á Terra.
Em tanta multidão faltava hum Ente
De pura, de sublime intelligencia,
Que dominasse em tudo. Eis nasce o homem.
Ou tu, Supremo Artífice, e Princípio
De mais perfeito mundo, o procreaste,
Pura extracção de Divinal Semente;
Ou a Terra inda nova, inda de fresco
Separada dos Ceos, lhes tinha o gérme;
E tu, filho de Jápeto, amassando-a
Com aguas fluviaes, copiastes n'ella
Os Entes Immortaes, que regem tudo.
As outras Creaturas debruçadas
Olhando a terra estão: porêm ao Homem
O Factor concedeu sublime rosto;
Erguido para o Ceo, lhe deo, que olhasse.
A terra pois, tão rude, e informe d'antes,
Presentou finalmente, assim mudada,
As humanas, incógnitas figuras.

Na obra *Arte de Amar*, o poeta recorre ao mito da origem do universo para exemplificar como o amor é natural entre um homem e uma mulher, como um foi criado para o outro. A passagem que trata sobre a origem do universo é breve (livro II, vv. 467-488):

*Prima fuit rerum confusa sine ordine moles,
 Unaque erat facies sidera, terra, fretum;
 Mox caelum impositum terris, humus aequore
 cincta est
 Inque suas partes cessit inane chaos
 Silva feras, volucres aer accepit habendas,
 In liquida, pisces, delituitis aqua.
 Tum genus humanum solis errabat in agris,
 Idque merae vires et rude corpus erat;
 Silva domus fuerat, cibus herba, cubilia frondes
 Iamque diu nulli cognitus alter erat.
 Blanda truces animos fertur mollisse voluptas:
 Constiterant uno femina virque loco;
 Quid facerent, ipsi nullo didicere magistro:
 Arte Venus nulla dulce peregit opus.
 Ales habet, quod amet; cum quo sua gaudia
 iungat,
 Invenit in media femina piscis aqua;
 Cerva parem sequitur, serpens serpente tenetur,
 Haeret adulterio cum cane nexa canis;
 Laeta salitur ovis: tauro quoque laeta iuvenca
 est:
 Sustinet immundum sima capella marem;
 In furias agitantur equae, spatioque remota
 Per loca dividos amne sequuntur equos.*

Tempo houve, em que num mixto os céos, o solo, os
 chaos foram, sem nome, aspecto, nem logares.
 (mares,
 D'um chaos brota um mundo; é finda a mútua guerra,
 d'astros se-estende em toldo; o Oceano abraça a
 terra;
 ha bosque, feras têm; têm passaros os ares;
 cardume argéteo, vivo, enche esses verdes mares;
 nos desertos, enfim, já raça humana avulta;
 valente, mas boçal; capaz de engenho, inculta.
 Dão-lhe as matas guarida, aservas alimento,
 cama as fôlhas do chão. Que horror! que isolamento!
 Do instinto do prazer nasce a doçura, o tracto.
 Macho e fêmia boçães moram no mesmo mato.
 Ser-lhes-ha necessario um preceptor? um guia?
 nos mysterios de amor Amor os-inicia.
 Goza a ave co'a ave; o peixe sob a onda
 tem outro seo igual que ao seu ardor responda;
 segue ao veado a côrsa; a serpente á serpente;
 a cadella ao mastim se-prende em laço ardente;
 que a ovêlha carneiro; a vaca ao touro acceita;
 até co'o bode vil a cabra se-deleita;
 e as éguas, mal que ao longe o ar annunciou cavallos,
 partem, rios transpõim, lá voam a incontrál- os.

Nos *Fastos*, o mito é relatado no primeiro livro, dedicado ao mês de janeiro, para explicar a existência das duas cabeças do deus Jano (a quem o mês é dedicado). Jano, para satisfazer a curiosidade do poeta, explica que antes do universo existir, somente ele é que existia, sozinho e na forma de uma única massa que continha todos os elementos que mais tarde formaram o mundo e tudo o mais que nele existe.

Nas *Metamorfoses*, o poeta, se propondo a relatar os mitos de mutações que deram origem a diversas coisas, começa sua jornada pela mitologia com a cosmogonia: a metamorfose do caos no universo, a origem de tudo. Após concluir a narrativa da cosmogonia, o poeta termina dizendo que a partir de então surgiram os homens.

Na *Arte de Amar*, Ovídio, em seu segundo livro, ao discorrer sobre a traição, interrompe suas lições sobre como o homem não deve ser pego ao cometer adultério para narrar a origem do universo e, então, chegar à origem do homem e explicar a natureza do amor.

O poeta inicia *As Metamorfoses* contando a origem do universo. Considerando que o último livro da obra termina no momento presente do

poeta, podemos observar certa cronologia traçada por ele; mas os demais mitos que constituem a obra tornam difusa tal cronologia, pois a mitografia não é uma ciência que possui um tempo exato. Nos *Fastos*, embora o mito da origem apareça logo no início do primeiro livro, ele não parece estar a serviço de uma ordem cronológica, mas da explicação que o deus Jano faz ao próprio Ovídio sobre a origem de suas duas faces e, para tanto, da sua origem e da origem de todo o universo conhecido pelo poeta. No entanto, considerando que o poeta, em seu poema-calendário, segue a ordem do calendário romano e sendo janeiro o primeiro mês do ano, o mito da origem do universo contado por Jano também aparece no início da obra, o que nos remete ao início das metamorfoses. Já na *Arte de Amar*, a origem do universo, usada para exemplificar a relação natural entre homem e mulher, aparece, discretamente, na metade do segundo livro.

A cosmogonia nos *Fastos* é contada através das palavras que Jano teria dito a Ovídio. Assim, enquanto nas *Metamorfoses* e na *Arte de Amar* o narrador é um humano (o próprio poeta), no livro dos *Fastos* é uma entidade divina que relata como ele mesmo, também chamado Caos, se transformou no universo, o que sugere uma maior veracidade ao mito. No entanto, as palavras do próprio deus sobre como ele separou os elementos não contradizem as formas como o mito é apresentado nas demais obras.

Nas *Metamorfoses*, antes de começar a discorrer sobre a origem do mundo, Ovídio diz que os deuses são responsáveis pelas transformações que ocorrem na natureza, já deixando subentendido que a transformação do caos em universo partiu de uma entidade divina. A seguir, quando descreve o fim do caos e a organização dos elementos, o poeta atribui a um deus (*hanc deus*), sem nomeá-lo, a responsabilidade pela criação do universo. Nos *Fastos*, a transformação da massa sem forma no universo é feita através do próprio caos, que nada mais é que o deus Jano; a origem é assim atribuída a um deus que o poeta nomeia e lhe dá forma. Já na *Arte de Amar*, a origem do universo se dá a partir do caos, sem que esse caos seja descrito como uma entidade divina e sem nomear a força que permitiu a separação dos elementos.

Nas três versões, antes do Universo existir na forma como o conhecemos, o que existia era chamado de Caos (*chaos*). Nos *Fastos*, o deus Jano diz ser ele o próprio caos e que, ao originar o universo, adquiriu uma nova forma menos confusa, mas com duas cabeças, o que lembra a confusão que ele era antes de sua transformação. Nas *Metamorfoses* e na *Arte de Amar*, o caos não é necessariamente um deus, mas também é uma massa disforme, confusa e que continha todos os elementos misturados e em constante conflito. Vale ressaltar que o poeta utiliza um mesmo adjetivo, *moles, is* (massa disforme), em todas as três versões para descrever esse caos.

Os elementos que compõem o caos são, nos *Fastos* e nas *Metamorfoses*: ar (*aer*), terra (*tellus*), água (*aquae; unda*) e fogo (*ignis*). No entanto, é curioso

observar que o fogo não aparece listado nas *Metamorfoses* quando o poeta lista os elementos que unidos formavam o caos, mas aparece mais tarde quando o poeta já descreve cada elemento se colocando em seu lugar, separando-se dos demais. Assim, Ovídio descreve, nas duas obras, como o fogo se colocou acima de todos os elementos, o ar logo abaixo, e então a terra e a água. Na *Arte de Amar*, Ovídio, em sua breve descrição do mito de origem do universo, diz que juntos estavam os céus (*sidera*), a terra (*terra*) e o oceano (*fretum*), não mencionando o fogo.

Nas três versões apresentadas pelo poeta, os elementos que se encontram misturados formando um só corpo não vivem em harmonia, mas lutam, batalham cada um por seu espaço. E é quando conseguem finalmente se dividir, que o universo passa a ganhar forma e cada elemento vai conquistando um lugar só seu. Os *Fastos* diz muito rapidamente o que se passou com cada elemento, já na *Arte de Amar* a lista é um pouco maior, uma vez que, junto aos elementos, o poeta vai descrevendo a aparição dos animais e as relações amorosas que se estabelecem entre eles, e, nas *Metamorfoses*, o poeta disserta mais longamente sobre como os elementos foram encontrando seu espaço e se organizando.

Considerações Finais

A partir da leitura dos trechos nos quais o poeta Ovídio discorre a respeito da cosmogonia, podemos observar como ele mantém certa coerência: tudo se originou do caos, que era uma massa disforme na qual os elementos travavam uma batalha; eis que, então, os elementos se separaram, dando origem aos mares, vales, bosques, animais, etc. A partir desse caos surgem também os homens, e os deuses, já existentes, ganham forma. Sendo assim, apesar da diferente extensão dos trechos destinados a relatar a origem do universo, uma vez que o próprio destaque dado na obra para cada aparição do mito não é o mesmo, o poeta acrescenta ou omite dados, mas não contradiz em uma obra a forma como já havia relatado o mito em outra.

É curioso observar como o poeta utiliza um mesmo mito em três obras diferentes e com propósitos distintos. Se nos *Fastos* a cosmogonia explica o aspecto bifforme do deus Jano, nas *Metamorfoses* o mito é utilizado para contar a primeira mutação que ocorreu, mutação necessária para que tudo o mais pudesse continuar se transformando; na *Arte de Amar*, o poeta narra a origem do universo a fim de explicar como desde a origem do mundo, o amor é natural entre o homem e a mulher, assim como o é para todos os outros animais.

Embora a cosmogonia se repita nas três obras, o poeta, sem se contradizer, utiliza com objetivos diferentes a narrativa do mito de origem do universo, que certamente é uma tópica bem anterior a sua obra.

Referências Bibliográficas:

- OVÍDIO. (1862). *Arte de Amar de Publio Ovidio Nasão*. Tradução em número igual de versos ininteressada exclusivamente aos feitos e estudiosos das letras classicas por Antonio Feliciano de Castilho. Eduardo & Henrique Laemmert, RJ.
- _____. (1862). *Os Fastos de Publio Ovidio Nasão*. Com tradução em verso portuguez por Antonio Feliciano de Castilho seguidos de copiosas anotações por quasi todos os escriptores portuguezes contemporaneos. Imprensa da Academia Real das Sciencias, Lisboa.
- _____. (1841). *As Metamorphoses de Publio Ovidio Nasão*. Poema em quinze livros, vertido em portuguez por Antonio Feliciano de Castilho, na Arcadia de Roma Memnide Eginense. Imprensa Nacional, Lisboa.
- OVIDE. (1990). *Les Fastes*. Traduit et annoté par Henri Le Bonniec, préface de Augusto Fraschetti. Les Belles Lettres, Paris.
- _____. (1955). *Les metamorphoses – Ovide*. Texte établi et traduit par Georges Lafaye. Les Belles Lettres, Paris.
- _____. (1920). *L'art d'aimer – Ovide*. Texte établi et traduit par Henri Bornecque. Les Belles Lettres, Paris.
- _____. (1994). *Latin Literature - A History*. Translated by Joseph B. Solodow. Revised by Don Fowler and Glenn W. Most. The Johns Hopkins University Press, Baltimore and London.
- HERBERT-BROWN. (1994). *Ovid and the Fasti – an Historical Study*. Clarendon Press, Oxford.
- KENNEY, E. J. & CLAUSEN, W. V. (editores). (1996). *The Cambridge History of Classical Literature*. Cambridge, Inglaterra.
- MEYERS, K. S. (1997). *Ovid's causes: cosmogony and aetiology in the Metamorphoses*. 4ª ed. The University of Michigan Press, Michigan.
- PARATORE, E. (2002). *La letteratura latina dell'età repubblicana e augustea*. Milano, Rizzoli.
- PRATA, P. (2007). *O caráter intertextual dos Tristes de Ovídio: uma leitura dos elementos épicos Virgilianos*. Tese de doutorado defendida no IEL/Unicamp em fevereiro de 2007.